



FUNDAÇÃO EDUCACIONAL SERRA DOS ÓRGÃOS
CENTRO UNIVERSITÁRIO SERRA DOS ÓRGÃOS
DIREÇÃO ACADÊMICA DAS CIÊNCIAS HUMANAS E TECNOLÓGICAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

TATIANA GOMES DE LOSSIO E SEIBLITZ

IDEAIS DE FEMINILIDADE: O TORNAR-SE
MULHER E A MATERNIDADE

TERESÓPOLIS - RJ

2024

TATIANA GOMES DE LOSSIO E SEIBLITZ

IDEAIS DE FEMINILIDADE: O TORNAR-SE MULHER E A MATERNIDADE

Artigo de Trabalho de Conclusão de Curso
(TCC), apresentado no 10º período do Curso
de Graduação em Psicologia do Centro
Universitário Serra dos Órgãos (UNIFESO)
como critério parcial de aprovação

Orientação: Prof. Maritza de Magalhães
Garcia

TERESÓPOLIS

2024

TATIANA GOMES DE LOSSIO E SEIBLITZ

IDEAIS DE FEMINILIDADE: O TORNAR-SE MULHER E A MATERNIDADE

Artigo de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apresentado no 10º período do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Serra dos Órgãos (UNIFESO) como critério parcial de aprovação.

Aprovado em: ____ / ____ / ____.

Banca examinadora:



Maritza de Magalhães Garcia

Orientador



Joana Dark da Silva Souza

Examinador



Joana Maia Simoni

Examinador

IDEAIS DE FEMINILIDADE: O TORNAR-SE MULHER E A MATERNIDADE

Ideals of femininity: becoming a woman and motherhood

Tatiana Gomes de Lossio e Seiblit¹, Maritza de Magalhães Garcia²

Resumo: A presente revisão bibliográfica objetivou discutir as representações sociais da mulher em diferentes momentos da história, destacando a maternidade como uma imagem normativa da sexualidade feminina. Tal como, abordou críticas do movimento feminista à psicanálise e aos ideais de feminilidade. Apresentou algumas representações históricas da mulher até que a maternidade fosse atribuída como algo natural ao sexo feminino. Além disso, apresentou que apesar das conquistas emancipatórias, as mulheres ainda sofrem pressões sociais em torno da maternidade, mostrando que os papéis relativos ao gênero permanecem potentes. O estudo também permite uma discussão sobre como essas construções podem impactar a clínica psicanalítica, onde muitas mulheres apresentam conflitos entre os seus desejos e o ideal social da maternidade. Portanto, a maternidade como ideal de feminilidade permanece no século XXI pressionando as mulheres a assumirem essa função, enquanto os homens são absolvidos dessa responsabilidade.

Palavras-chave: psicanálise, maternidade, feminilidade, construções sociais.

Abstract: This bibliographic review aimed to discuss the social representations of women at different moments in history, highlighting motherhood as a normative image of female sexuality. As well, it addressed criticisms of the feminist movement towards psychoanalysis and the ideals of femininity. It presented some historical representations of women until motherhood was attributed as something natural to the female sex. Furthermore, it showed that despite emancipatory achievements, women still suffer social pressures surrounding motherhood, showing that gender roles remain powerful. The study also allows for a discussion about how these constructions can impact the psychoanalytic clinic, where many women present conflicts between their desires and the social ideal of motherhood. Therefore, motherhood as an ideal of femininity remains in the 21st century, pressuring women to assume this role, while men are absolved of this responsibility.

Keywords: psychoanalysis, motherhood, femininity, social constructions

¹ Graduanda do curso de Psicologia Unifeso.

² Psicóloga. Psicanalista do Corpo Freudiano Teresópolis. Professora adjunta do Unifeso. Pos-Doc em Pesquisa e Clínica em Psicanálise - UERJ. Doutora em Psicologia Clínica - PUC/RJ.

1. INTRODUÇÃO

No decorrer da minha graduação em psicologia, os alunos eram informados sobre a importância em fazer sua própria análise, visto que isso seria uma experiência primordial na formação do futuro psicólogo. Logo, iniciei minha análise, visando experimentar o que se daria no encontro entre paciente e psicólogo. Na posição de paciente e percorrendo questões pessoais, me deparei com a pergunta a respeito do que estaria em jogo como determinante para que o humano se tornasse homem ou mulher. Inicialmente confesso que custou um bom tempo até ser possível reconhecer a cultura como uma potência reguladora. De todo o modo, os estudos teóricos, principalmente a psicologia social e a psicanálise, começaram a mostrar que o instinto ou um saber prévio no humano estaria ausente.

Logo a pergunta se direcionou mais especificamente à constituição ou o tornar-se mulher, ficando ainda mais instigante essa pesquisa a partir da escuta da célebre frase de Simone de Beauvoir “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. O fato é que sempre que se pensa em uma mulher, a maternidade surge quase que de imediato no pensamento como algo intrínseco ou instintivo. Portanto, ao final do curso, ao escolher o tema para o trabalho de conclusão de curso, decidi investigar essa questão e tentar entender o que estaria envolvido no processo de tornar-se mulher e, especialmente, de que forma a maternidade surgiu enquanto algo natural à mulher.

A maternidade como parte de uma natureza feminina é parte de uma construção de um ideal fortemente desenvolvido a partir do século XVIII, principalmente pela medicina e religião que buscavam normatizar o papel social da mulher. A psicanálise surgiu a partir da escuta de mulheres e através de suas histórias conseguiu construir importante conhecimento para que esse debate fosse visto também pela medicina, trazendo o processo de nos tornarmos homens e mulheres como um resultado que refletia as expectativas da cultura.

Em alguns momentos da história, a mulher esteve associada a uma figura mística, curandeira e possuidora de conhecimentos da natureza, sendo tais conhecimentos, muitas vezes incompreendidos pelos homens. Essa conexão também contribuiu para a construção da imagem da mulher como uma figura perigosa, cujos conhecimentos e poderes deveriam ser controlados. Nesse contexto, muitas mulheres foram acusadas de

bruxaria, sendo perseguidas e punidas durante a Inquisição³. Não há dúvida de que a repressão sofrida por essas mulheres foi uma tentativa de disciplinar o que era considerado incontrolável, irracional e imprevisível. Assim sendo, a marca da mulher como a feiticeira vai revelar uma estratégia de dominação que buscava sufocar e punir a autonomia e o feminino (Nunes, 2000).

Desse modo, buscando manter um certo controle, a sociedade se organizou de modo que o desejo pela maternidade parecesse algo natural a todas as mulheres. De acordo com Nunes (2000), essa ideia era amplamente aceita entre os médicos do século XIX, que acreditavam que, ao se tornar mãe, a mulher encontraria sua realização máxima nas atividades familiares. O filho deveria ocupar o lugar de objeto privilegiado no desejo da mãe, garantindo a ela uma satisfação plena. Afastando qualquer desejo de buscar outras fontes de prazer.

Consequentemente, as estruturas sociais atribuíram aos homens o direito ao trabalho, ao estudo e aos prazeres sexuais, enquanto a sexualidade das mulheres foi domesticada e direcionada para a reprodução e o cuidado do lar. Portanto, quando o desejo da mulher extrapolava a finalidade reprodutiva, era considerado como uma patologia e a psiquiatria da época classificava esses comportamentos como distúrbios ligados a um funcionamento inadequado do útero, apontando para a existência de uma falha na natureza feminina (Nunes, 2000).

Diante desse contexto, este estudo se justifica no campo da psicologia ao explorar quais seriam as implicações na subjetividade das mulheres a partir das expectativas sociais relacionadas ao ser mulher. Visto que a pressão para se adequar a um papel específico tende a causar sofrimento psíquico além de perda de direitos. Assim, ao investigar as expectativas sociais em relação à maternidade e a mulher, este trabalho busca refletir sobre como esses ideais de feminilidade podem afetar os sujeitos e suas escolhas.

³ A Inquisição foi um movimento político e ideológico que surgiu durante a Idade Média e que buscava investigar, julgar e punir os hereges a partir do discurso religioso cristão católico, tendo o Estado como aparato institucional (De Farias; Da Silva; De Medeiros, 2022).

Em vista disso, o objetivo desta pesquisa será analisar como as representações sociais da mulher foram historicamente construídas, apontando a busca pela maternidade como imagem normativa da sexualidade feminina na teoria psicanalítica. Para alcançar esse objetivo, a pesquisa se orientará por objetivos específicos: examinar historicamente as representações da maternidade na mulher, identificando como esses papéis foram construídos e reforçados ao longo do tempo; investigar a sexualidade feminina em Freud fazendo uma conexão com a maternidade e as críticas feministas à psicanálise.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. A sexualidade feminina na psicanálise

Segundo Maurano e Souza (2023), se perguntar sobre o que é a mulher e de que modo ela se constituiu no imaginário é necessária, pois existe uma tendência à idealização que pode formar um modelo universal que caberia à todas as mulheres. O fato é que ao longo do tempo a mulher é descrita ora em um lugar de santidade, ora no lugar de um errante. Como parte do social, o lugar da mulher tem sido determinado por conta da religião e da necessidade de se manter uma certa ordem que corrobora para a manutenção reprodutiva da sociedade capitalista.

A sexualidade feminina recebeu inúmeras atribuições sociais e esteve frequentemente envolvida em mistérios, repúdio e controle masculino. Segundo Roudinesco (2016), a psicanálise surgiu justamente a partir da escuta de mulheres que manifestavam seu sofrimento psíquico por meio de sintomas corporais, como cegueiras e paralisias. Essas expressões visíveis e apresentadas de forma quase teatrais seguia ao encontro com as diversas formas de repressão que lhes eram impostas. Os sintomas históricos, apontavam para um outro mal estar que seria desencadeado por uma vida desinteressante e reprimida, onde a presença dos conflitos inconscientes era denunciada. Desde então, a psicanálise se ocupou desse sofrimento, que foi inaugurado por mulheres, a partir do encontro de Freud com Charcot e posteriormente a partir da parceria com Joseph Breuer.

Inicialmente, Freud apoiado por Breuer, acompanhou o caso de Bertha Pappenheim, conhecida como "Anna O.". Inaugurando o tratamento catártico, ou seja, a cura pela fala. Breuer utilizava a hipnose, que logo foi abandonada por Freud. A paciente apresentava paralisia e esquecimento da sua língua materna como sintomas, e durante o

tratamento foi possível observar que a repressão sexual e intelectual imposta às mulheres naquela época era determinante para uma mal estar psíquico que encontrara como meio de expressão a apresentação de um corpo sintomático, mas sem origem orgânica (Roudinesco, 2016).

Desde então, a psicanálise tem se ocupado em compreender, a partir da escuta da história do paciente, o modo como cada sujeito articula meios de atender as exigências pulsionais do corpo, em acordo com as normas sociais impostas pela divisão entre os sexos masculino e feminino. O sexual para psicanálise está na subversão que retira totalmente o humano da ordem natural instintual e o inscreve na esfera da pulsão, ou seja, ocorre a passagem da necessidade para o registro do desejo.

Na obra *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, Freud (1905), afirma que o bebê humano se trata, portanto, de um ser perverso-polimorfo, ou seja, é capaz de obter prazer das mais diversas formas. “Em alemão como em francês ou português, os termos *Trieb* e pulsão remetem, por sua etimologia, à ideia de um impulso, independentemente de sua orientação e seu objetivo” (Plon e Roudinesco, 1998, p. 628).

Logo, a partir da teoria da pulsão se torna possível investigar de que modo as mulheres, ao longo da história, tiveram que dar conta psiquicamente das exigências pulsionais de um corpo erógeno, em contrapartida, com as repressões sexuais às quais foram submetidas.

A teoria psicanalítica se atentou para as consequências dessa repressão, que foi denunciada pelas histéricas através dos seus corpos sintomáticos. Freud (1933), no trabalho chamado *A Feminilidade*, aponta para a incapacidade de responder de que modo a menina se torna mulher. Afirma que a feminilidade é uma possibilidade justamente por não se tratar de algo determinado pelo biológico. Para Freud, a questão que a psicanálise busca responder é como uma menina inicialmente dotada de impulsos ditos ativos ou masculinos aceitaria de forma pacífica se tornar mulher e, portanto, concordar com um modo passivo diante do outro.

O modo passivo assumido pela menina para se tornar mulher é marcado, dentre outras coisas, pelo imaginário social, que é repassado através da linguagem. De modo geral, o que podemos observar é que antes mesmo do nascimento, o bebê humano já está inscrito em um ideal próprio ligado ao seu sexo anatômico: aos meninos os pais aguardam a chegada de uma criança mais agitada e que será investida com uma coragem extra para desbravar a vida e o mundo, enquanto das meninas esperam que sejam doces e calmas, e de modo geral, serão investidas para serem gentis e cuidadosas. Essa organização que

está constituída a partir de uma ideia de diferenças complementares não corresponde à realidade, visto que ao bebê humano não é dada nenhuma garantia do que irá advir (Kehl, 2016).

Isso se deve ao fato de que através do discurso inserido na cultura o ser homem e ser mulher transita a partir do modo como o sujeito se articula por uma posição entre sujeito e objeto, sempre se relacionando ao modo de posicionamento diante do desejo do outro parental. Desse modo, se trata de uma posição que não está fixa, nem relacionada ao sexo anatômico (Kehl, 2016).

Dessa forma, pode-se dizer que a feminilidade é uma construção cultural e um fenômeno que percorre o tempo, desenvolvendo expectativas que nem sempre são compatíveis com os fenômenos relativos ao constituir-se mulher. Em Freud já é possível localizar a feminilidade como uma possibilidade entre outras, não existindo determinismo biológico que seja capaz de resolver a questão acerca da sexualidade humana (Maurano e Joana, 2023).

Para a psicanálise, portanto, o feminino e o masculino não são posições relacionadas ao gênero biológico, mas sim, a uma posição do sujeito. Assim, Kehl (2016) aponta que o humano ao nascer inscreve-se na ordem de uma diferença sexual que a partir do genital irá se inserir no mundo como menino ou menina e a todo o seu conjunto de normas e expectativas, ocupando lugares identitários que marcarão toda a sua existência.

“As características sexuais anatômicas nos permitem diferenciar os sujeitos quanto ao gênero (homem e mulher), conceito que inclui o sexo biológico, investido dos valores e dos atributos que a cultura lhe confere” (Kehl, 2016, p.12).

A obra de Freud confere ao “complexo de castração” o momento nuclear das neuroses. Segundo Plon e Roudinesco (1998), o complexo de castração é o que Freud designou como um sentimento inconsciente de ameaça experimentado pela criança ao se deparar com a diferença anatômica entre os sexos. No texto *Sobre teorias sexuais infantis*, Freud (1908), argumenta que como efeito do reconhecimento de que no corpo da mulher há uma falta, o menino pode tomar para si um horror ao membro visto como mutilado e a possibilidade que ele também possa perder seu pedaço a mais de carne. O medo de perder algo que lhe dá tanto prazer estará localizada como central no complexo edipiano e norteará meninos e meninas a partir da presença e ausência de uma parte do corpo.

Desde a infância os mitos nos dão a ideia do pavor operado no complexo de castração e a anatomia reconhece a presença e a função do clitóris como o equivalente do pênis. Porém, mesmo com a função clitóris e pênis estarem em equivalência, a ausência da percepção visual do pênis será orientador nas formações das neuroses. Segundo Freud (1908), a própria menina irá desenvolver uma compreensão de que lhe falta algo e o interesse no órgão masculino será apresentado em seu trabalho como um sentimento de inveja. “Ela se dispõe imediatamente a reconhece-lo e é vencida pela inveja do pênis, que culmina no desejo, importante em suas consequências, de ser também um garoto” (Freud, 1905 [2016], p.105).

A observação dessa diferença anatômica conduz a uma investigação que buscará responder as questões sexuais humanas. A criança inicialmente deseja saber de onde vêm os bebês, e a partir desse primeiro enigma se deterá em construir as demais teorias sexuais. A partir disso a criança segue observando as diferenças e semelhanças anatômicas entre a mãe, o pai, o recém-nascido e ele próprio, seguindo uma trilha de descobertas para determinar as diferenças do corpo do homem e da mulher (Freud, 1908).

Além disso, no texto *Organização genital infantil*, Freud (1923), aponta que inicialmente os meninos não atribuem a falta do pênis à menina, ou seja, não consideram a existência de uma diferença sexual, muito menos querem saber de que no corpo da mulher há uma falta. A visão do genital feminino castrado causa grande angústia no menino e o mesmo vem consolar a menina dizendo que seu pênis ainda vai crescer.

A sexualidade humana é explicada a princípio por uma mínima diferença anatômica que é a presença ou ausência de um pênis. Segundo Maurano e Souza (2023), Lacan utiliza o conceito de falo para substituir o nome pênis e com isso afastar a ideia primordial que vincula a uma divisão anatômica entre homens e mulheres pela via única da diferença pênis e vagina. O falo visa possibilitar um deslizamento para um objeto ou significante que não seja mais fixo, mas sim indicar uma tentativa de se obter uma plenitude desejada, mas nunca alcançada

[...] Para Lacan, o falo ocupará o lugar de significante ordenador da sexualidade, que se apresenta como certa unidade de medida do valor do sujeito, que se encontra sempre numa posição deficitária em relação a posse dessa plenitude, indicando com isso, sua íntima relação com o que em psicanálise chamamos de castração (Maurano e Souza, 2023, p.67).

Em *Sobre a sexualidade feminina*, Freud (1931 [2023]), acerca do desenvolvimento da sexualidade nas mulheres, indica que durante a infância, meninas e

meninos seguem um caminho semelhante no início do desenvolvimento sexual, focado na fase fálica. Porém, a passagem que conduziria a menina rumo à feminilidade, envolvendo o complexo de castração, ocorreria de forma diferente do menino, visto que a menina possuiria mais fortemente do que no menino uma bissexualidade constituinte do humano. A menina precisaria abandonar o amor pela genitora e se dirigir ao pai e, eventualmente, optando pela escolha da maternidade, o que seria uma forma de substituir a ausência do pênis por um filho. Desse modo, segundo Maurano e Souza (2023), não é difícil presenciar mulheres que se entregam totalmente à maternidade, aceitando as mais diversas situações em troca dessa função.

O abandono na fase fálica do clitóris para a vagina seria a orientação necessária para a menina abandonar a atividade inicial dessa zona erógena, que seria ativa para então assumir a finalidade reprodutiva e passiva. Essa passagem passa a ser o novo centro da sexualidade feminina, que inicialmente, antes da puberdade, possuía um caráter masculino e só depois adquire uma fase propriamente feminina (Freud, 1931).

Segundo Kehl (2016), Freud diz que ninguém nasce homem ou mulher e que apenas a partir da travessia do Édipo os humanos assumiriam posições masculinas designadas como ativas e femininas como passivas: "Masculino ou feminino é a primeira distinção que os senhores fazem quando se encontram com outro ser humano, e estão habituados a fazer essa distinção com indubitável certeza". (Freud, 1933 [2023], p.315). Porém, Freud adverte ser possível encontrar partes do aparelho sexual masculino no corpo da mulher, mesmo que atrofiado, ou não desenvolvido e que tal observação seria possível no corpo oposto.

O feminino e a feminilidade se misturam quando falados na cultura, dando a entender que se trata de atributos ou nomes relativos exclusivamente à condição dos humanos anatomicamente reconhecidos como mulheres, porém para a psicanálise o feminino será entendido como uma posição subjetiva.

Segundo Freud (1933), a influência das normas sociais não deveria ser ignorada, pois essas normas forçariam as mulheres para situações que sua única possibilidade de existência seria aceitando passivamente o que lhe era endereçado. Porém, essa passividade não estaria totalmente remetida a mulher e nem a atividade totalmente remetida ao homem a partir de uma natureza.

Freud avança informando ser necessário, por exemplo, grande atividade por parte de uma mulher que amamenta, pois se pode dizer que tanto ela amamenta o filho, quanto permite que o bebê se amamente, demonstrando a polaridade entre atividade e passividade

ocorrendo. E que homens deveriam abdicar-se de condutas ativas ou agressivas para assegurar o convívio entre pares, buscando, portanto, uma passividade que possibilitasse uma convivência com outros.

Freud apresenta então essa distinção ou bipartição que não pode ser toda referida a uma diferença que se daria a partir do órgão sexual. Maurano e Souza (2023), sustentam que existiriam dois fatores relativos à construção da feminilidade. Um se dá a partir de uma repressão social, que seria responsável pelos padrões que dizem o que é uma mulher e como ela deve se comportar, se vestir e quais funções são destinadas na sociedade e na família. O outro se dá a partir do fator pulsional que conduziria a mulher a aceitar pacificamente essas normas. Sendo importante compreender que essa construção social e pulsional também se refere ao homem, porém o masoquismo favorece o recalque dessas tensões pulsionais agressivas em ambos os sexos.

Kehl (2016) argumenta que a linguagem é o meio que servirá para o indivíduo humano se inscrever nas posições simbólicas do ser homem e ser mulher, nomes que seriam os primeiros significantes adquiridos pelo indivíduo após o nascimento. Considerando o avanço médico e a possibilidade de saber anteriormente ao nascimento qual é o sexo do bebê, podemos supor que os significantes são colocados antes mesmo do parto e as características culturalmente associadas a um determinado sexo será sua marca constituinte.

Segundo Maurano e Souza (2023), o deslocamento da relação entre órgão peniano e falta recebe no psiquismo humano a ideia de falta, que será atribuída às perdas narcísicas sofridas pelo humano no decorrer de seu desenvolvimento. Para a psicanálise, a constituição do sujeito se dará a partir do complexo de castração, que seria a interdição imposta ao psiquismo de uma plena satisfação pulsional ansiada.

2.2. Críticas feministas às ideias freudianas e ideal social

Embora Freud tenha sido fortemente criticado pelo movimento feminista, é importante lembrar que as pessoas vivem, desenvolvem suas teorias e estudos a partir da sociedade em que estão inseridos. Sabe-se que Freud esteve atento às questões sociais de seu tempo e sua teoria foi desenvolvida a partir do modo de vida vivenciado no ocidente naquela época. Cidadão de Viena, cidade cosmopolita que recebia pessoas de várias partes da Europa, Freud viveu em uma sociedade que se encontrava organizada de modo

bem definido entre o espaço privado e o público, ideal que se estruturava em torno de um ideal de razão (Roudinesco, 2016).

Segundo De Campos (2021), Freud tinha uma conflituosa relação com o seu pai, o qual era considerado por ele como um homem fraco, contrastando com uma profunda admiração pela mãe, que era vista com uma mulher jovem, inteligente e sedutora que se casou com o pai de Freud, um homem bem mais velho e não teve meios de afastar-se da sua função do lar, tendo ao todo oito filhos em dez anos. Além disso, Freud também reconhecia e enaltecia como maior qualidade para sua noiva Martha a docilidade e a recusa a qualquer ideal emancipatório feminino, considerando como um presente para a amada que ela se mantivesse restrita ao papel de cuidadora dos filhos e do lar.

É notório que Freud em determinados momentos se mostrou um homem controverso, como observado nas correspondências trocadas com sua noiva. Apresentou-se enfático ao dizer que sua esposa deveria se dedicar exclusivamente ao lar e que deveria se abdicar de quaisquer ideais contrários. Segundo Roudinesco (2016), em contrapartida cuidaria para que nada lhe faltasse, desde que Martha se ocupasse exclusivamente da vida privada, ideal que estava de acordo com o romantismo da época. Fato que se afastava completamente da obra de Stuart Mill, influente filósofo inglês do século XIX, traduzido por Freud, que falava justamente sobre a emancipação feminina.

A diferença nos papéis sociais ancorados no modelo do ideal romântico da época era compartilhada por quase toda a população, resultado de uma longa história de construção social em que homens se mantiveram em uma posição superior às mulheres. De Campos (2021), apresenta que esse ideal romântico foi construído a partir do século XVIII quando pensadores iluministas observaram a necessidade de repensar o poder dominante dos homens e a condição das mulheres que estavam cada vez mais sem direitos.

Jean-Jacques Rousseau, filósofo iluminista desenvolveu importante trabalho que influenciou de forma expressiva o modo de pensar e organizar a sociedade no Ocidente, sua principal proposta surgiu da ideia de uma construção moral que pudesse organizar a sociedade burguesa. Segundo Vieira e Moreira (2020), o livro *Emílio ou da Educação* de Rousseau, apresenta um pensamento que considera a existência de uma natureza humana e que a partir de uma educação adequada, focada no sexo de cada indivíduo, seu desenvolvimento seria naturalmente favorecido e desenvolvido, e assim, homens e mulheres assumiriam suas funções que seriam de natureza essencialmente diferentes e complementares.

Segundo Nunes (2000), a complementaridade entre os sexos defendida por Rousseau buscava organizar racionalmente os papéis de gênero com base nas diferenças anatômicas. Através da personagem Sofia em *Emílio*, Rousseau apresenta um modelo no qual a mulher, longe da crença até então conhecida de ser inferior, alcança uma perfeição ao exercer a função materna, sendo vista como naturalmente submissa, doce e cuidadosa, com a responsabilidade de manter a harmonia familiar e o bom humor do marido. Para as mulheres, o casamento passa a significar uma redenção e a chance de ocupar um lugar de importância social, logo, passam a se dedicar a essa função para alcançar esse ideal de feminilidade, ancorado na submissão e no cuidado familiar.

Logo, o interesse por parte da psicanálise a respeito da sexualidade feminina, encontra relação com os movimentos feministas da década de 1920, visto que esses questionavam as ideias defendidas pela burguesia vitoriana. O movimento feminista apontava o pouco espaço ocupado pelas mulheres na esfera pública e na mão de obra e sua restrição ao lar e a reprodução ainda amparada no biológico. Sendo considerada a primeira onda do movimento feminista, conquistou o direito ao voto, marcando um passo importante em direção à igualdade de gênero (Cossi, 2016).

Iniciada a segunda onda do movimento feminista, diante do qual Simone de Beauvoir foi uma figura essencial na desconstrução do ideal feminino que considerava a mulher como um indivíduo sem grandes ambições e que a maternidade, o casamento e a vida privada lhe bastariam para suas existências. Na sua obra, “O Segundo Sexo”, Beauvoir (1949) destaca que a mulher foi historicamente definida em oposição ao homem, que ocuparia um lugar de sujeito universal, enquanto a mulher estaria no lugar de um outro que estaria subordinada ao homem, limitando a liberdade da mulher e a sua capacidade de se realizar por outros meios.

A filósofa e feminista avalia negativamente a teoria psicanalítica, mesmo considerando a importante contribuição da teoria que teve seu início a partir da escuta de pacientes mulheres. Sua crítica se constrói a partir da forma como os psicanalistas centralizaram o complexo de Édipo e a inveja do pênis, que segundo Beauvoir reduziria a uma visão masculina e patriarcal do desenvolvimento feminino colocando a mulher como subordinada e inferior ao homem, visto que à mulher faltaria algo (Beauvoir, 1949).

Ainda segundo Beauvoir (1949), essa teoria enaltecia o sexo masculino, considerando esse o sexo completo, viril e criativo, a filósofa inclusive, afirma que a psicanálise erra ao considerar que uma menina seria um homem quando se dedica a atividades ditas masculinas. Para a autora, dizer que o masculino é ativo e o feminino

passivo se torna um fracasso da teoria e exemplifica dizendo que uma menina ao brincar de subir em uma árvore não estaria brincando de coisas de menino, ela estaria apenas brincando.

Beauvoir atribuiu à primazia fálica um erro fatal ao questionar se de fato um menino estaria tão consciente do poder do seu órgão durante a infância. Para ela se trata de uma construção social que atribuiu aos humanos posições e expectativas desejáveis a cada um dos sexos. Como em papéis preexistentes na sociedade. Também questiona se não seria o filho um falo muito mais potente do que o órgão masculino, afinal se trata de uma capacidade inquestionável e impossível de poder ser concebido por um corpo que não fosse o da mulher (Beauvoir, 1949).

A questão em torno da inveja do pênis e a referência à mulher como castrada é fortemente criticada em sua obra. A feminista acusa Freud de considerar que a mulher se sentiria um homem mutilado e, portanto, uma valorização do homem teria primazia na teoria freudiana. Para ela isso reforçaria o lugar passivo e ressentido ao qual as mulheres estavam habituadas a ocupar. (Beauvoir, 1949).

Segundo Cossi (2016), as teorias freudianas não foram questionadas apenas por feministas, mas também por alguns psicanalistas desse período, que discordaram de algumas teses freudianas, tais como Ernest Jones, Melanie Klein, Hélène Deutsch, Karen Horney e Jeanne Lampl-de Groot. As principais críticas eram a respeito do complexo de castração, a teoria da libido ser masculina, estando ligado ao pênis, as considerações acerca do clitóris ser uma versão feminina do pênis, sendo substituído pela vagina e a inveja do pênis que foi fortemente combatida por Horney. Portanto, podemos observar que essas críticas à teoria freudiana ocorreram também dentro do próprio movimento psicanalítico, não se restringindo ao movimento feminista.

Para Beauvoir (1949), na obra “O Segundo Sexo”, a mulher é vista na sociedade como um produto de normas historicamente estabelecidas e seu papel determinado por normas que se baseiam em diferenças de gênero estabelecidas por homens. Para a feminista “não se nasce mulher: torna-se mulher” (Beauvoir, 1949 [2019], p. 11). Portanto, a mulher pode ser considerada um produto de normas sociais que limitaram seus direitos e desejos, desconsiderando suas competências e mantendo-a em uma posição de submissão em relação ao homem.

Para compreender esse “tornar-se mulher” a partir da psicanálise, Kehl (2016), propõe que não existe, portanto, naturalidade na coletividade humana, a mulher como entendida socialmente é produto da civilização e a psicanálise opera na subversão que

retira o humano do instintual para a ordem das pulsões que buscam incessantemente a satisfação. Ainda para a autora os homens produziram os discursos que determinaram, à época, os ideais femininos e de família da burguesia.

De acordo com Maurano e Souza (2023), é preciso observar o deslocamento que Freud irá apresentar no texto *Organização Genital Infantil*, de 1923, em que se destaca a ausência de um primado genital, mas sim um primado do falo. Essa operação se daria a partir do reconhecimento de uma diferença que é constituída a partir da linguagem e da sua função de diferenciar os objetos. O falo passa a ser o transmissor simbólico ao qual a sexualidade de homens e mulheres se orientariam nessa organização simbólico-imaginária.

Segundo Kehl (2016), o modo de vida burguês do século XIX, as produções discursivas e o ideal imaginário constituem, ainda hoje, o ideal de uma natureza feminina que estaria dada de forma universal à todas as mulheres. Entretanto, foi a mulher, assim como o homem, ambos produzidos por discursos organizadores, que criaram o sujeito neurótico da teoria psicanalítica. Independente do gênero, mas ainda vinculada a ele, existe o sujeito do discurso, aquele que opera a partir da diferenciação freudiana de “ativo” e “passivo”, que estão em sintonia com o masculino e feminino. Sendo masculino e feminino posições que não se definem pelo gênero, se trata de uma posição a que todo humano transita em sua existência.

Como discutido, a psicanálise surge no final do século XIX, antes do início das reivindicações do movimento feminista, e se desenvolve a partir da escuta de mulheres que apresentavam sintomas paralisantes sem aparente causa orgânica, deixando a medicina sem explicação para tais manifestações. Freud, ao escutar essas mulheres consideradas histéricas, conseguiu capturar em seu consultório o mal-estar psíquico causado pela repressão sexual vigente naquele momento histórico. Sendo, portanto, uma repressão que se estendia a todas as esferas da vida das mulheres (Kehl, 2016).

2.3. Representações históricas da maternidade e a mulher

Até os séculos XVII e XVIII, as crianças recebiam pouca atenção e eram afastadas do convívio social. Possuíam obrigações e funções de adultos, sendo vistas como pequenos adultos. Segundo Emidio (2011), nessa época, a ideia de infância ainda não existia, e Rousseau, além de ser precursor do ideal de feminilidade, também atribuiu à mulher a responsabilidade pelo cuidado e educação das crianças. Foi a partir desse

momento que as crianças começaram a ser vistas como indivíduos com necessidades e características próprias, e a noção de infância foi desenvolvida com foco na educação da população.

Na Idade Média, por exemplo, a relação das mulheres com seus filhos foi marcada por notória indiferença e grande parte das crianças eram criadas por outras pessoas e afastadas da família, tornando claro que a maternidade, tal como vemos hoje, é uma construção social bastante recente. Porém, mesmo sendo criadas sem a presença da genitora, o cuidado com as crianças sempre esteve vinculado a uma função da mulher, por serem consideradas possuidoras de instintos relacionados ao cuidado (Iaconelli 2023).

Ainda segundo Iaconelli (2023), o interesse da medicina pela mulher se intensificou nos séculos XVIII e XIX, justamente com a constituição da família burguesa, que estava preocupada com a mortalidade infantil e a organização social. Nesse momento muitas crianças eram abandonadas e não sobreviviam, pois eram negligenciadas pelos adultos. A sociedade passou então a se preocupar com a mortalidade infantil, que era expressiva, e o cuidado com as crianças surgiu como uma necessidade de proteger a espécie e assegurar a criação de mão de obra para o trabalho, em um cenário que se encontrava vulnerável devido a guerras e invasões territoriais. Assim, fica evidente que o instinto materno e o cuidado infantil não eram considerados naturais ou essenciais e não constituíam uma função exclusiva da genitora.

De acordo com Nunes (2000), ao analisar o lugar ocupado pela mulher na história, é possível observar que nenhuma qualidade, até então, era atribuída a ela. Pelo contrário, a mulher foi amplamente descrita como incompleta, incapaz do uso da razão e imoral. Assim, como poderia ser atribuída à mulher uma função de educadora, sendo ela considerada um ser tão inculto e selvagem? Para Marcos (2017), a medicina se encarregou de colaborar para a construção de uma nova imagem da mulher, pautado pela biologia e a condição do corpo feminino ser aquele que acomodaria o bebê, ou seja, se esse corpo está preparado para a reprodução certamente a mulher recebendo a devida educação seria aquela que melhor ocuparia a função de cuidado e educação das crianças.

Os discursos sobre a origem da mulher e a construção da sua perfeita aptidão para a maternidade foram apresentadas de vários modos, com a religião contribuindo para construir ideias que buscavam redimir a mulher dos seus pecados originais. As mulheres passaram a ser caracterizadas a partir de dois personagens principais: a Eva pecadora e a Santa Maria virtuosa. Logo, a mulher, em acordo com os interesses sociais daquela época, conseguiu então deixar de ser associada a Eva, vista como a pecadora, desobediente e

incontrolável, para se tornar a Santa Maria, virtuosa, devotada e sofredora. Restando a ela extrair dessa função de dedicação exclusiva com a maternidade e com o lar sua única fonte de prazer (Nunes, 2000).

Portanto, a imagem de Maria, ganhou força como padrão de comportamento naquele momento e a maternidade transferiu à mulher um lugar social que até então desconhecia. Essa imagem também ajudou a justificar a ideia de que a mulher não precisaria obter satisfação sexual no casamento. Juntamente com o conhecimento médico de que a mulher não precisava de orgasmo para engravidar, logo a mulher deveria se satisfazer exclusivamente na sua relação com o filho (Nunes, 2000).

Com isso, a partir do final do século XVIII a mulher passa a ser considerada a pessoa ideal para o cuidado dos filhos, e a imagem de boa mãe, dotada de um amor universal e instintual, é constituído na sociedade. Esse papel se torna importante para a mulher, que passa a ocupar um lugar social valorizado, mas ainda subordinada ao desejo do homem. Para Emidio (2011), a mulher passa a ser reconhecida em uma função importante, já que até então eram consideradas inferiores e possuíam poucos direitos. Logo, a maternidade passa a ser valorizada e desejada pelas mulheres que viam nessa função o reconhecimento de um valor inexistente até aquele momento.

A medicina e a religião surgem justificando a existência de um instinto materno, colocando a mulher em um novo ideal apresentando a maternidade como uma função social valorizada e uma possibilidade de obter satisfação. Porém, a psicanálise não vai compactuar com esse pensamento, pois reconhece que nem todas as mulheres desejam ter filhos, nem tão pouco as mulheres que se tornam mães se sentem completas pela maternidade. A maternidade para a psicanálise estaria além da finalidade biológica, localizando-se na ordem do desejo. Logo, ter um filho não seria suficiente para completar uma mulher, nem existiria uma naturalidade nesse cuidado. Atualmente, as mulheres têm mais autonomia sobre a decisão de ter filhos, devido ao acesso à pílula anticoncepcional e às técnicas de reprodução assistida, que lhes permitem optar por engravidar ou não (Kehl, 2016).

De acordo com Nunes (2011), o desejo é o que dá movimento ao sujeito, sendo uma potencialidade que não é inata, não se apresentando ao humano de forma universal, mas é o que permite a busca por algo. O desejo estaria relacionado a uma possibilidade e não a um destino prévio, mas surge a partir dos registros das vivências de cada sujeito de modo singular a partir também das experiências sociais e culturais, sendo capturado também por ideais daqueles que o cercam.

Badinter (2011), reconhece a impossibilidade de definir o que seria um comportamento próprio à espécie humana, o que enfraquece a ideia de instinto e, com isso, a possibilidade de existir uma natureza feminina. Fato que justifica os vários modos de existência e constituição da mulher, que principalmente com o advento da pílula anticoncepcional e do ingresso da mulher ao mercado de trabalho, diversas constituições familiares revelaram-se, tais como, casais sem filhos, mães solteiras, mulheres que optaram por não ter filhos. As pressões sociais e o psíquico parecem ser mais decisivos do que a existência de uma natureza feminina que a conduziria naturalmente para a maternidade.

Atualmente, com as inúmeras possibilidades que se apresentam, as expectativas de vida para as mulheres vão além dos cuidados domésticos. A mulher ocupa uma posição mais independente do controle masculino e pode escolher entre os vários papéis sociais disponíveis. No entanto, a cultura ainda mantém a maternidade como um papel essencial e natural para as mulheres, atribuindo-lhes a função de cuidar dos filhos e do lar. De acordo com Nunes (2011), a associação entre feminilidade e maternidade não é mais capaz de definir a mulher que hoje pode ocupar os mais diversos lugares na sociedade, mas reconhece que ainda há um forte ideal de que a maternidade seria a realização maior da mulher.

Com o surgimento de um novo ideal de mulher na contemporaneidade, ela se torna agora mais empoderada, porém, mais uma vez se vê idealizada como aquela que pode dar conta de tudo, ou seja, ela deve estar sempre bem arrumada, magra, ser bem sucedida profissional e financeiramente e, ao mesmo tempo, ser aquela que cuida harmoniosamente do lar e dos filhos. O lugar idealizado em que a mulher é aquela cuidadora ainda é amplamente localizado nos discursos da sociedade contemporânea. “Um ideal que, embora mantenha as portas abertas para o trabalho feminino, permitindo assim que essa metade da população se torne consumidora, ainda privilegia a função materna, sustentando o paradigma que associou feminilidade e maternidade” (Nunes, 2011, p.112).

Não há dúvidas que a pílula anticoncepcional permitiu à mulher uma maior autonomia sobre seu corpo, porém, o discurso que domestica seu corpo e seus desejos seguem além da escolha ou não da maternidade. De acordo com De Campos (2021), a mulher contemporânea precisa controlar o número de gestações, a menstruação, a menopausa e todos os sintomas relacionados aos hormônios femininos que podem atrapalhar sua entrada e disputa no mercado de trabalho. O corpo feminino precisa ser

masculinizado, ou seja, o dualismo existente que definia o masculino como superior e o feminino visto como inferior ainda preside na lógica da sociedade. De certa forma, a natureza do corpo feminino precisa ser retirada da cena para que uma mulher possa ocupar um lugar social privilegiado e concedido inicialmente exclusivamente aos homens.

Dessa forma, as mulheres na contemporaneidade, tendo acesso aos meios reprodutivos e de controle, se sentem embaraçadas quando questionadas sobre serem ou não mães. Badinter (2011) apresenta uma variedade de aspirações femininas, que, apesar da liberdade conquistada, ainda não conseguiram superar o estigma de cuidadora e mãe devotada. Além disso, seguem sendo acusadas de egoístas quando decidem não ter filhos ou ainda quando declaram que a maternidade é um fardo.

3. METODOLOGIA

A proposta metodológica deste trabalho trata-se de uma abordagem qualitativa de revisão narrativa, que de acordo com Minayo (2012), se encontra melhor preparada para investigar fenômenos subjetivos tais como a sexualidade, as representações sociais, etc., por considerar o contexto cultural e histórico dos indivíduos, permitindo ainda a interpretação e análise do autor, visando descrever e ampliar a discussão sobre o tema escolhido, por meio de um estudo teórico. Tal método prioriza a compreensão do tema a partir da experiência do autor, pois “Por ser constitutiva da existência humana, a experiência alimenta a reflexão e se expressa na linguagem” (Minayo, 2012, p.622). Estando a experiência do indivíduo sempre afetada pelo coletivo ou social e o verbo compreender sendo o norteador da abordagem qualitativa.

A presente pesquisa é de natureza bibliográfica e documental, e utilizou obras fundamentais da psicanálise, com destaque para os textos de Freud, assim como estudos contemporâneos sobre as representações históricas e culturais da mulher. De acordo com Marconi e Lakatos (2003), a pesquisa bibliográfica permite um aprofundamento teórico do tema pesquisado, através da revisão e interpretação de diversos autores.

Por se tratar de uma análise da literatura com foco no conceito de feminilidade, foi realizada inicialmente uma pesquisa nas plataformas SciELO e Google Acadêmico, buscando pelos termos sexualidade feminina e psicanálise, durante o período de pesquisa dos últimos dez anos. Por fim, analisando alguns artigos a escolha do material a ser analisado para a realização da pesquisa, foram direcionados para livros de Sigmund Freud

e psicanalistas contemporâneas, tais como: Maria Rita Kehl, Denise Maurano e Joana Souza, Silvia Alexis Nunes e Vera Iaconelli. Já para construção de análise sobre as questões relativas às críticas do movimento feminista iniciado em 1960 foram utilizadas o texto "O ponto de vista psicanalítico", do volume 1 da obra "O segundo sexo" de Simone Beauvoir, e a obra de Elizabeth Badinter, "O conflito: a mãe e a mulher".

A escolha do material foi principalmente por desejar compreender de que modo a teoria psicanalítica se torna sempre atualizada, visto que os sintomas apresentados hoje na clínica não são os mesmos de quando Freud iniciou seus estudos sobre a histeria, mas a repressão e o lugar ocupado pela mulher na sociedade ainda se apresenta com características de uma posição passiva e de certo modo ligada às ideias de feminilidade do século XIX.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme mencionado, um dos objetivos da pesquisa foi compreender de que modo a maternidade surgiu como imagem normativa da sexualidade feminina na cultura e como a teoria psicanalítica foi desenvolvida se apropriando do tema. A partir disso, a pesquisa apresentada localizou indícios de que as mulheres ocuparam funções diversas ao longo da história e nem sempre a maternidade foi considerada uma função natural ou instintiva da mulher. Ao analisar os textos sobre a sexualidade feminina em Freud e outros psicanalistas contemporâneos, foi possível constatar que há um consenso sobre a inexistência de uma naturalidade sexual que se daria a partir do órgão sexual no humano.

Freud contribuiu, a partir da escuta clínica de mulheres, que o seu adoecimento tinha origem nas primeiras etapas do desenvolvimento infantil e se atualizariam mais tarde quando as diferenças sexuais entre homens e mulheres conduziram as mulheres a um destino passivo diante do desejo do outro. A teoria psicanalítica conseguiu apresentar a existência de um conflito entre os desejos individuais das mulheres e os papéis históricos e sociais que lhes foram impostos. Diante disso, criticou essas normas dizendo se tratar de uma moral inalcançável que afetava principalmente as mulheres de sua época.

A pesquisa demonstrou como no século XVIII, pensadores como Jean-Jacques Rousseau ocupou lugar de destaque na construção de um ideal que associou a mulher ao instinto materno, reforçando uma ideia que, ao longo dos séculos foi absorvida pelos discursos religiosos e médicos, produzindo uma ideia de finalidade para a existência da

mulher. Porém, pensadores como Simone de Beauvoir conseguiram desmistificar essa ideia ao defender que a mulher como uma identidade se trata, na verdade, de uma construção cultural e não parte de uma essência biológica.

De todo modo, observamos que esses ideais morais ainda permanecem vivos no século XXI, onde os ideais relacionados ao ser mulher, a inferioridade e a subordinação podem ser observadas como um acontecimento atual, revestida de outras histórias, mas ainda recente. A exemplo dessa inferioridade, podemos verificar mulheres recebendo salários menores, mesmo que ocupando os mesmos cargos que um homem. A respeito da maternidade, a mulher ainda é considerada a responsável única pelo cuidado com os filhos, isso é observado quando vemos mulheres que mesmo trabalhando fora precisam cuidar dos filhos sozinhas. De modo geral, os homens são isentos dessa responsabilidade e a sociedade ainda tem dificuldades em considerar o cuidado com a casa e os filhos como parte de um trabalho.

Há também a marca da mulher que decide não ter filhos, ser vista como egoísta ou menos mulher do que as que são mães. Os debates são muitos e a de modo geral o corpo da mulher ainda parece ser visto como um objeto de interesse público e destinado à reprodução, vejamos o debate recente sobre a criminalização do aborto através da PL1904/2024 no Brasil.

Portanto, como visto, por mais que uma mulher tenha conseguido ocupar um lugar de ser de desejo, ainda é na maternidade que a sociedade considera que sua existência se torne completa. Fato que pode contribuir para o adoecimento psíquico de muitas mulheres, sem falar que alguns discursos contribuem para perpetuar diferentes formas de abuso e violência as quais as mulheres ainda são vítimas.

REFERÊNCIAS

BADINTER, E. **O conflito: a mulher e a mãe**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BEAUVOIR, S. de. (1949/2019) “**O ponto de vista psicanalítico**” in: **O segundo sexo: fatos e mitos**. 5.ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

COSSI, R. K. (2016). **A diferença dos sexos: Lacan e o feminismo**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em Acesso em 12 de outubro de 2024.

DE CAMPOS, T. B. **Psicanálise, Maternidade e Normatividade: Uma leitura crítica da feminilidade e maternidade na teoria freudiana**. 2021. Tese de Doutorado. PUC-Rio. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/55114/55114.PDF> Acesso em 08 de outubro de 2024.

DE FARIAS, A. S; DA SILVA, M. B. M.; DE MEDEIROS B.M. **Caça às bruxas: A importância das mulheres queimadas na inquisição para o movimento feminista**. Revista Jurídica da Escola Superior do Ministério Público de São Paulo, v. 21, 2022. Disponível em https://es.mpsp.mp.br/revista_esmp/index.php/RJESMPSP/article/view/508 Acesso em 08 de novembro 2024.

EMIDIO, T. S. **Diálogos entre feminilidade e maternidade: um estudo sob o olhar da mitologia e da psicanálise**. São Paulo: Editora UNESP, 2011, 182 p. ISBN: 978-65-5714-521-0. <https://doi.org/10.7476/9786557145210>. Acesso em 08 de setembro 2024

FREUD, S. (1905/2016) **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade**. 1ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, S. (1908/2023) “**Sobre teorias sexuais infantis**”. In: **Amor, sexualidade, feminilidade** – 1ª ed.; 5. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2023 – Obras Incompletas de Sigmund Freud.

FREUD, S. (1923/2023) “**Organização genital infantil**”. In: **Amor, sexualidade, feminilidade** – 1ª ed.; 5. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2023 – Obras Incompletas de Sigmund Freud.

FREUD, S. (1931/2023) “**Sobre a sexualidade feminina**” In: **Amor, sexualidade, feminilidade** – 1ª ed.; 5. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2023 – Obras Incompletas de Sigmund Freud.

FREUD, S. (1933) “**A feminilidade**” In: **Amor, sexualidade, feminilidade** – 1ª ed.; 5. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2023 – Obras Incompletas de Sigmund Freud.

IACONELLI, V. **Manifesto antimaternalista: Psicanálise e políticas de reprodução** – 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.

KEHL, M.R. **Deslocamentos do feminino: a mulher freudiana na passagem para a modernidade** – 2ª ed. – São Paulo: Boitempo, 2016.

MARCONI, M. D. A., & Lakatos, E. M. (2003). **Fundamentos de metodologia científica**. Atlas. Acesso em 10 de outubro de 2024.

MARCOS, C. M. **O desejo de ter um filho e a mulher hoje**. Trivium-Estudos Interdisciplinares, v. 9, n. 2, p. 246-256, 2017. Disponível em https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2176-48912017000200010&script=sci_arttext Acesso em 07 de agosto de 2024.

MAURANO, D.; SOUZA, J. **A saga do feminino na mulher: a misoginia à luz da psicanálise** – 1. Ed. – Rio de Janeiro, RJ: 7Letras, 2023.

MINAYO, M. C. D. S. (2012). **Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade**. *Ciência & saúde coletiva*, 17, 621-626. Disponível em <https://www.scielo.org/pdf/csc/2012.v17n3/621-626/pt> Acesso em 10 de outubro de 2024

NUNES, S. A. **O corpo do diabo entre a cruz e a caldeirinha: Um estudo sobre a mulher, o masoquismo e a feminilidade** Editora Record – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

NUNES, S. A. **Afinal, o que querem as mulheres? Maternidade e mal-estar**. *Psicologia Clínica*, v. 23, p. 101-115, 2011. Disponível em <https://www.scielo.br/j/pc/a/zdgTVQcDQzsFZCxnRgtW6db/> Acesso em 08 de agosto de 2024.

ROUDINESCO, E. **Sigmund Freud: na sua época e em nosso tempo**. Tradução: André Telles. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

ROUDINESCO, E. & PLON, M. **Dicionário de psicanálise**. 1ª ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

VIEIRA, M. M. C. D; MOREIRA, A. C. G. **Ideais culturais e o tornar-se mulher: a cultura na constituição da feminilidade**. *Trivium-Estudos Interdisciplinares*, v. 12, n. 1, p. 14-28, 2020. Disponível em <https://doi.org/10.18379/2176-4891.2020v1p.14> Acesso em 15 de agosto de 2024.